

ISSN 1982-1026

Boletim de História e Filosofia da Biologia

Volume 8, número 3

Setembro de 2014

Publicado pela Associação Brasileira de
Filosofia e História da Biologia (ABFHiB)

<http://www.abfhib.org>

Sumário:

1. Encontro de História e Filosofia da Biologia 2014 (EHFB 2014)
2. Publicações e eventos sobre história e filosofia da biologia
3. Traduções de textos primários de história da biologia: “Animais de um besteiário medieval do século XII: bestas, pássaros, répteis e peixes”, por Denise Ferreira Diniz Rezende

1. ENCONTRO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA BIOLOGIA 2014

O Encontro de História e Filosofia da Biologia 2014 (EHFB 2014), promovido pela Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB), foi realizado na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto (USP-RP), com apoio da FFCLRP/USP, Programa de Pós-Graduação em Biologia Comparada e Programa de Pós-Graduação em Entomologia da FFCLRP/USP e da Fapesp, de 06 a 08 de agosto de 2014.

A palestra de Abertura foi proferida por:

MARSHA RICHMOND

Department of History
Wayne University
Detroit – MI

O vídeo dessa e outras conferências estão disponíveis no site da ABFHiB, juntamente com fotos e o Programa do Encontro de História e Filosofia da Biologia 2014: [clique aqui](#).

REALIZAÇÃO:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

EPOLBR

Pietara de Eiread Haackel (1834-1919) representando membros da família Trochilidae

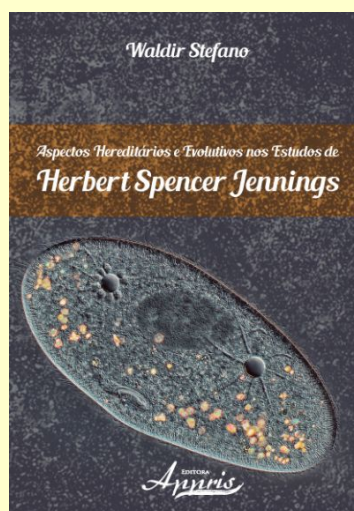
APOIO:
BIOLOGIA COMPARADA
ENTOMOLOGIA
FAPESP

Encontro de História e Filosofia da Biologia 2014
<http://www.abfhib.org/>
Departamento de Biologia/FFCLRP/USP
Local: Faculdade de Direito de Ribeirão Preto/USP
6 a 8 de agosto de 2014

COMISSÃO ORGANIZADORA
Lilian Al-Chueyr Pereira Martins [FFCLRP-USP]
Fernanda da Rocha Brandão Fernandez [FFCLRP-USP]
Ana Maria Andrade Caldeira [UNESP-Bauru]

COMISSÃO CIENTÍFICA
Aldo Melender de Araújo [UFRRS], Anna Carolina K. P. Regnier [Uniclinics], Charbel El-Hani [UFBA], Gustavo Caponi [UFSC], Nelson Bizzo [USP], Maria Eliza Braziński Prestes [USP], Ricardo Waldbort [COC/ Flocruz], Roberto de A. Martins [LEP]

2. PUBLICAÇÕES E EVENTOS SOBRE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA BIOLOGIA



Waldir Stefano

Aspectos Hereditários e Evolutivos nos Estudos de Herbert Spencer Jennings

Curitiba: Appris, 2014
ISBN: 978-85-8192-437-3

Durante sua carreira o biólogo norte-americano Herbert Spencer Jennings (1868-1947) dedicou-se ao estudo de dois tipos de microrganismos: inicialmente os rotíferos e depois os protozoários. No princípio, adotou em seus trabalhos um enfoque mais descritivo e voltado para a sistemática. Mais tarde, dedicou-se aos aspectos fisiológicos e adaptativos e posteriormente, aos aspectos hereditários e evolutivos dos organismos inferiores.

O objeto de estudo deste livro são as contribuições de Jennings para a hereditariedade e evolução, através de suas investigações com protozoários durante o período compreendido entre 1904 a 1911. Esta obra tratará dos estudos que ele desenvolveu em seu laboratório com o intuito de testar experimentalmente os possíveis efeitos da seleção natural sobre os protozoários bem como elucidar como se dava a transmissão das características hereditárias nesses indivíduos. Esta fase da pesquisa de Jennings pode ser considerada como sendo uma etapa inicial do estudo da genética das populações. Embora, de um modo geral, o nome de Jennings não seja lembrado em nossos cursos de graduação e pós-graduação da área biológica, ele foi descrito por um de seus alunos como sendo um pioneiro na investigação biológica, pensador e educador.

Durante o período considerado neste estudo, estava ocorrendo o desenvolvimento da genética clássica onde os princípios de Mendel estavam sendo testados em diversos organismos por vários pesquisadores de diferentes países.

Embora o período para essa pesquisa tenha sido delimitado de 1904 a 1912, voltaremos no tempo algumas vezes para recuperar aspectos importantes ou avançar nele um pouco para dar uma ideia dos desdobramentos dos estudos de Jennings a partir do período considerado.

Esta obra segue a linha de história e teoria da ciência procurando responder a questões tais como: as hipóteses, explicações e conclusões de Jennings sobre aspectos hereditários e evolutivos estavam bem formuladas? Eram coerentes? Estavam bem fundamentadas em observações e/ou experimentos? Eram testáveis? Havia alternativas viáveis? Procurar-se-á responder a essas perguntas levando em conta os padrões de racionalidade científica da época.

VI Coloquio Internacional sobre Darwinismo en Europa y América

Foi lançada a segunda circular do **VI Coloquio Internacional sobre Darwinismo en Europa y América**, assinalando datas e outros dados importantes do evento, que é promovido pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLASCO Ecuador) e a Red de Estudios de Historia de la Biología y de la Evolución. O evento ocorrerá em Puerto Ayora, Galápagos, Equador, de 20 a 22 de maio de 2015.

O **VI Coloquio** concentra as atenções no papel de Galápagos nos estudos de Darwin e na relação do pensamento evolucionista com o pensamento ambiental. No entanto, outros temas são propostos para atender o objetivo geral da Red que é desenvolver uma história do trabalho de Charles Darwin (1809-1882) e compreender a influência de suas ideias, particularmente no espaço europeu e americano.



Agora estão definidos seis eixos temáticos para o evento:

1. Darwin, o evolucionismo e Galápagos
2. Relações entre evolucionismo e pensamento ambiental (históricas e contemporâneas)
3. Darwinismo, educação, literatura e sociedade
4. Medicina, eugenia e darwinismo social
5. Polêmicas contemporâneas: evolucionismo nos séculos XX e XXI
6. Darwinismo e ética

Mais informações podem ser obtidas em darwinismo.galapagos@gmail.com

3. TRADUÇÕES DE TEXTOS PRIMÁRIOS DE HISTÓRIA DA BIOLOGIA: “ANIMAIS DE UM BESTIÁRIO MEDIEVAL DO SÉCULO XII: BESTAS, PÁSSAROS, RÉPTEIS E PEIXES”

Denise Ferreira Diniz Rezende
Mestranda do Programa Interunidades de
Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo
denisefdrezende@gmail.com

Os animais povoam os manuscritos medievais desde a alta idade média, porém, compilações sobre estudos dos animais e suas origens remontam à Antiguidade. O bestiário manuscrito floresceu entre os séculos XII e XIII. Livros chamados bestiários, enciclopédias, fábulas ou contos de animais, livros de caça e de falcoaria, são exemplos de trabalhos concernentes aos animais que aparecem nesse momento, beneficiando-se da difusão de exemplares ricamente ilustrados na aristocracia.

Segundo um padrão de longa data, em um bestiário, são representados tanto animais reais, quanto fantásticos, como o dragão, que se encontra no excerto aqui traduzido. O texto abaixo também chama a atenção pela referência à geração espontânea de vermes, além de um arranjo dos animais em três grupos (I- bestas, II- pássaros, III- répteis e peixes). Assim, por exemplo, os crocodilos estão entre as bestas, enquanto os vermes, que incluem o escorpião, encontram-se junto a répteis e peixes.

A tradução aqui realizada dá continuidade à que foi publicada no *Boletim de História e Filosofia da Biologia*, volume 8, número 1, de março de 2014. Foram selecionados alguns animais da seção “Descriptions of animals of a Twelfth-Century Bestiary”, traduzida do latim para o inglês, e acompanhado de introdução e notas, por T. H. White, que está publicada em livro editado por E. Grant intitulado *A Source Book in Medieval Science* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974, pp. 644-654).

Descrições de animais de um bestiário do século XII

Parte I – Bestas

Ursus, o urso, ligado à palavra “Orsus” [...], diz-se ter esse nome pelo fato de a fêmea esculpir sua ninhada com a boca (*ore*). Diz-se que essas criaturas produzem um feto amorfo, dando à luz a algo como um punhado de polpa que a mãe-urso, lambendo, dispõe em pernas e braços. Isso se deve à prematuridade do nascimento. Em resumo, ela dá cria no trigésimo dia, quando gera uma criação apressada e disforme.

A cabeça de um urso é fraca: a maior força está nos braços e lombos; por essa razão, às vezes, eles ficam de pé.

Eles também não negligenciam a arte do curandeiro. Na verdade, se eles forem afligidos por uma injúria grave e debilitados por feridas, eles sabem como se medicar acariciando suas feridas com uma erva cujo nome é *Flomus*¹, como a chamam os gregos, assim eles são curados por um simples toque.

Um urso doente come formigas.

Ursos da Numídia distinguem-se muito dos outros pela espessura do seu pelo desganhado, mas a criatura por si só é a mesma onde quer que eles se reproduzam.

Eles não fazem amor como outros quadrúpedes, mas envoltos em abraços mútuos, eles copulam do jeito humano. A estação de inverno provoca uma inclinação à luxúria. Os machos respeitam as fêmeas grávidas com o pudor de um quarto privativo, e, embora estejam deitados na mesma toca, esta é dividida em camas separadas em diferentes níveis. O período de gestação é curto, uma vez que no trigésimo dia o útero é aliviado. É por isso que o parto precipitado gera frutos disformes. Elas geram polpas muito pequenas de cor branca, sem olhos. Elas gradualmente esculpem-nas por meio de lambidas², enquanto as acalentam em seus seios para formar o espírito animal e as aquecem nessa cuidadosa incubação. Durante esse período, sem absolutamente comida alguma pelos primeiros quatorze dias, a fêmea, sem dormir, fica tão profundamente sonolenta que não pode ser acordada, nem mesmo por ferimentos, e jazem ocultas, após darem à luz, por três meses. Então, após saírem para a luz do dia, elas sofrem tanto por estarem desacostumadas à luz, que você as tomaria por cegas.

Ursos procuram bastante pelas colmeias das abelhas e seus favos de mel. Eles não procuram mais avidamente por nada além de mel.

Quando eles comem os frutos da Mandrágora, eles morrem – a menos que se apressem, por medo de que o veneno possa aumentar sua força até destruí-los, e comem formigas para recuperar sua saúde.

Se atacarem touros, eles sabem por que partes eles podem derrubá-los mais facilmente, e não vão por qualquer outra que não os chifres ou as narinas – as narinas, por causa da dor aguda nesse lugar sensível.

O *cocodryllus*³ é assim chamado pela sua cor *crocus* ou de açafraão. Ele se reproduz no Rio Nilo: um animal com quatro pés, anfíbio, geralmente com cerca de trinta pés de comprimento, armado com dentes e garras horríveis. Sua pele é tão dura que nenhum golpe pode machucar um crocodilo, nem mesmo se pesadas pedras são atiradas em suas costas. Ele fica na água à noite, e na terra, de dia.

Ele choca seus ovos na terra. O macho e a fêmea revezam em turnos. Certos peixes, os quais possuem uma nadadeira dorsal como serra, são capazes de destruí-los, rasgando as partes moles de sua barriga. Além disso, único entre os animais, ele move sua mandíbula superior, mantendo a inferior bastante imóvel⁴. Seu esterco fornece um unguento com o qual meretrizes velhas e enrugadas untam suas figuras e são feitas belas, até que seja lavado pelo suor que flui de seus esforços⁵.

Hipocritamente, pessoas devassas e avarentas têm a mesma natureza que essa besta – igualmente qualquer pessoa que se enche de orgulho, suja com a corrupção da luxúria, ou assombrada com a moléstia da avareza – mesmo se elas infringem a Lei, fingem, à vista dos homens, serem direitas e deveras bem cheias de virtudes.

Crocodilos jazem à noite na água, de dia, na terra, porque hipócritas, embora vivam luxuriosamente à noite, deleitam-se ao serem reconhecidos por viverem santa e justamente durante o dia. Conscientes de sua fraqueza em fazer isso, eles batem em seus peitos: sim, mas, com a prática, o hábito sempre traz à luz as coisas que eles tenham feito.

O monstro move sua mandíbula superior porque essas pessoas representam os maiores exemplos dos Padres e uma abundância de preceitos ao discursar para os outros, enquanto eles exibem em seu eu inferior muito pouco do que eles dizem.

Um unguento é feito desse esterco do mal porque pessoas más são frequentemente admiradas e elogiadas pelos inexperientes ao mal que elas têm feito, e exaltadas pelos aplausos deste mundo, como que embelezadas por um unguento. Mas quando o Juízo, aguardado ansiosamente pelos demônios, dirigir sua ira contra eles, então toda a elegância da bajulação desaparece como uma fumaça.

[...]

Parte II – Pássaros

Existe um pássaro chamado *ybis* (Ibis), o qual limpa suas vísceras com seu próprio bico. Ele gosta de comer cadáveres ou ovos de serpentes, alimentos que ele leva para a sua casa, tornando-os mais aceitáveis para sua prole. Ele anda próximo à costa noite e dia, procurando por pequenos peixes mortos ou outros corpos que tenham sido atirados pelas ondas. Ele tem medo de entrar na água por não ser capaz de nadar.

Este pássaro é o típico Homem Carnal, o qual entra em negociações mortais como se elas fossem um bom alimento espiritual – pelo qual sua alma miserável é nutrida pela punição.

Você, por outro lado, bom companheiro Cristão – que é nascido de novo pela água e pelo Espírito Santo para entrar nos oceanos espirituais dos mistérios de Deus – em você ele concede o bem melhor e verdadeiro que Ele mencionou aos apóstolos, dizendo: “O fruto do Espírito, aliás, é afeição, louvor, paz, paciência, tolerância etc.”.

Agora, se o sol e a lua não atirarem seus raios cruciformes, eles não brilham; se os pássaros não abrirem suas asas como uma cruz, eles não conseguem voar. Só assim, Homem, se você não se proteger com o sinal da cruz e abrir bem os seus braços, asas do amor, você não será capaz de atravessar as tempestades deste mundo para o paraíso tranquilo da terra celestial.

Finalmente, quando Moisés ergueu seus braços como um pássaro, Israel prevaleceu: quando ele baixou seus braços, Amalech venceu.

O *Altion* (halcyon) é um pássaro marítimo, o qual choca sua prole nas praias. Ele coloca seus ovos na areia, bem no meio do inverno – por isso é a estação que o destino escolheu para essa tarefa – e ele os produz bem quando o mar normalmente eleva-se mais violentamente nas margens e quando as ondas são mais ruidosamente atiradas contra elas.

A finalidade de tudo isto é que o amor maternal do halcyon possa ser ilustrado por uma celebração inesperada de bondade.

Quando o mar cheio de ondas encontra a posição dos ovos, ele subitamente modera, e os ventos violentos diminuem, e a efervescência da brisa abranda, e o mar permanece calmo nos ares de luz, enquanto o halcyon aquece seus ovos.

Além do mais, eles seguem sete dias tranquilos de eclosão, até que, quando estes chegam ao fim, a mãe deixa seus filhotes saírem e deixa de chocar. Então há mais sete dias durante os quais ela alimenta a prole, enquanto eles estão começando a crescer. Você poderia talvez se espantar com uma infância tão curta, em que o tempo de chocar foi também tão pequeno.

As pessoas dizem que os marinheiros consideram esses quatorze dias como garantia de tempo bom. Eles chamam esses dias “os Dias do Halcyon”, nos quais não há maré e o mar não está agitado⁶.

Parte III – Répteis e peixes

Draco, o Dragão⁷, é a maior de todas as serpentes, na verdade de todas as formas viventes na terra. Os Gregos chamam-no “draconta” (δράκων), que foi passado ao Latim sob o nome “draco”.

Quando este dragão sai de sua caverna, ele é frequentemente levado ao céu, e o ar próximo a ele se torna ardente. Ele tem uma crista, uma boca pequena e uma garganta estreita através da qual ele respira ou põe a sua língua para fora. Além disso, sua força não está nos dentes, mas em sua cauda, e ele causa ferimentos por golpes ao invés de mordidas. Então ele é inofensivo em relação ao veneno. Mas diz-se que o veneno não é necessário para ele matar, pois quando acaba se enrolando em alguém, ele o mata desse jeito. Até mesmo o Elefante não está protegido pelo tamanho de seu corpo; pois o dragão, de emboscada próximo aos caminhos pelos quais os elefantes normalmente passeiam, laça suas pernas com sua cauda em um nó e os destrói por sufocamento.

Eles são criados na Etiópia e Índia, em lugares onde há calor perpétuo.

O Demônio, que é o mais gigantesco de todos os répteis, é como o dragão. Ele é frequentemente gerado no ar de seu covil, e o ar em torno dele arde, pois o Demônio levanta a si mesmo das mais baixas regiões, traduz-se em um anjo de luz e engana os tolos com falsas esperanças de glória e felicidade mundana. É dito que ele tem uma crista ou coroa porque ele é o Rei do Orgulho, e que sua força não está nos dentes, mas em seu rabo porque ele seduz aqueles que ele chama para si por meio de uma trapaça, destruindo suas forças. Ele fica escondido próximo aos caminhos em que eles passeiam, porque seu caminho para o paraíso está onerado pelos nós dos seus pecados, e ele os estrangula até a morte. Pois se alguém é enredado pela rede do crime, morre, e não há dúvidas de que vai para o Inferno.

Vermis, o Verme, é um animal que é na maioria das vezes germinado sem relações sexuais, a partir de carne ou madeira ou qualquer coisa terrestre. As pessoas acreditam que, como o escorpião, eles nunca nascem de ovos. Existem vermes da terra, da água, do ar, da carne e das folhas, bem como vermes da madeira e das roupas.

[...]

O Escorpião é um verme da terra que nós classificamos com vermes ao invés de com cobras. Ele é uma criatura pungente, e é chamado de Arqueiro na língua Grega porque ele lança sua cauda e injeta seu veneno com uma ferida curva (*aculeus: arcuatus*). A coisa mais estranha sobre o escorpião é que ele não irá te picar na palma da sua mão⁸.

Bombocis, o Bicho-da-Seda, é um verme das folhas, de suas produções são feitas roupas de seda (*bombycina*). Ele também é chamado assim (*bombus* = som oco) porque ele se esvazia enquanto está girando os fios, e somente o ar permanece dentro dele.

[...]

Anguillae, as Enguias são similares às cobras, e, portanto, delas derivam de seu nome (*anguis* = serpente). Elas são engendradas da lama e por essa razão, se você agarrar uma enguia, a criatura é tão escorregadia que quanto mais forte você pressiona mais rápido ela escorrega para fora. Eles dizem que no Rio Ganges oriental enguias nascem medindo trinta pés. Se enguias são afogadas no vinho, aqueles que beberem dele ficam com aversão ao licor.

Torpedo, Raia Elétrica ou Enguia, recebe este nome porque faz o corpo da pessoa que o toca quando vivo ficar entorpecido (*torpescere*). Plínio, o jovem, relata: “Se a raia elétrica é tocada fora do mar, mesmo que à distância, mesmo com uma lança ou uma vara, os músculos do braço, por mais fortes que sejam, serão paralisados e os pés, embora se apressem a correr, ainda serão atingidos”. Tão grande é o seu poder, aliás, que mesmo a radiação do seu corpo afeta os membros.

NOTAS:

¹ Φλόμος, *mullein*. [Nota de T. H. White]. Em português pode ser traduzido como círio-do-rei ou verbasco. [Nota da tradutora]

² Há um fundo de verdade razoável para a crença medieval. Filhotes de urso realmente nascem cegos e sem pelos, e permanecem assim por não menos que cinco semanas. Nascem nus em uma reclusão protetora, o que torna a observação quase impossível. São constantemente lambidos pelas suas parideiras, como as cadelas limpam seus filhotes, de modo que a ideia de que os filhotes foram produzidos como um tipo de massa não era absolutamente absurda. “O filhote sai envolto no Córion”, diz Sir Thomas Browne, “uma espessa e resistente membrana obscurecendo a formação, a qual a Parideira molda, após morder e dilacerar, (de modo que) o espectador à primeira vista concebe-o como um pedaço de carne rude e amorfo, e atribui a forma subsequente às bocadas da Parideira”. [Nota de T. H. White]

³ Esta é a palavra latina para crocodilo que aparece no manuscrito no lugar de *crocodilus*, a forma usual. [Nota de T. H. White]

⁴ Essa era uma crença comum dos antigos. Cuvier aponta o erro: “O maxilar inferior sendo prolongado para trás do crânio, o superior parece ser móvel, e os antigos registraram isso; mas ele se move apenas com a cabeça inteira”. [...] O próprio Aristóteles caiu nesse mesmo erro. [Nota de T. H. White]

⁵ Francis Bacon, o qual afirmou que “algumas Putrefações e Excrementos cedem excelentes Odores”, pontuou que: “Nós também achamos, que lugares onde os homens urinam comumente, têm cheiro de Violetas. E a Urina, de quem come Noz-moscada, cheira assim também”. Foi pensado que o esterco perfumado vinha de um tipo especial de crocodilo que vive na “Província de Xanagarra”. Ele era melhor que almíscar. Como a cheirosa Pantera também habitava aquelas partes foi conjecturado que talvez o habitat fosse responsável pelo cheiro. Galeno considerou que o esterco de crocodilo fosse bom para as sardas. Aécio recomendou que ele devesse ser aceso e a fumaça soprada em buracos de serpentes. Kiranides assegurou que os dentes eram afrodisíacos, mas eles tinham que ser retirados do animal vivo. [Nota de T. H. White]

⁶ Note-se que esta não é a clássica história do Halcyon, cujo ninho deveria estar no próprio mar, assim contabilizando os sete dias do halcyon quando “pássaros de calma chocam sobre a onda encantada”. Aqui, o ninho está na praia [...]. Talvez a versão medieval seja mais interessante que a clássica, por ela parecer ligar a lenda Grega a um fenômeno real, as marés mortas. As marés mortas do meio do inverno são as marés nas quais o sobe e desce, entre a maré alta e a maré baixa, seriam mínimos, assim causando menos perturbações para um pássaro nidificando próximo à linha da maré; e os números sete e quatorze são, ademais, evidentemente relacionados aos cálculos lunares, conseqüentemente com as marés. As marés do Mediterrâneo, mar do qual a lenda se originou, não são pronunciadas como as nossas, entretanto, um Oppian poderia incubar seus ovos entre a terra e o mar.

“Eles são tão afeiçoados ao mar que colocam seus ninhos ao lado das ondas, e embora eles molhem seus peitos, eles colocam suas caudas na terra seca”. Pássaros das linhas de marê têm mesmo uma infância muito curta, como vários outros que eclodiram ao nível do solo. [Nota de T. H. White]

⁷ Aldrovandus [1522-1605; White omite o título do trabalho em particular no qual Aldrovandus trata dos dragões. Nota de E. Grant] dedica cinquenta e nove páginas foliares aos dragões, e expõe materiais muito interessantes no processo. Ele trata de humanos chamados Draco, com serpentes marinhas, tarântulas, plantas, árvores, estrelas, demônios [...], montanhas, armadilhas, fístulas, sereias, Hydras, anacondas, baleias, leviatãs, fósseis, hieróglifos e até com um antigo modelo de aeronave chamado Draco, ainda que não manufaturado por De Havilland, que voou. Ele acrescenta que é possível para pessoas inescrupulosas forjar um dragão, por cirurgia plástica no cadáver de uma Raia Gigante. Mas sua questão central é a que as palavras “dragão” e “serpente” são intercambiáveis. Ele pontua que o réptil que atacou Laocoön é chamado por Virgílio de serpente em um lugar, e de dragão em outro. “Por que”, escreveu Kingsley em 1849, “não deveriam esses dragões terem sido simplesmente o que a palavra Grega dragão representa – e que ... as superstições dos camponeses em várias partes da Inglaterra nos dias de hoje reivindicam que eles tenham existido – ‘vermes poderosos’, cobras enormes?” Este é o jeito apropriado de referenciá-lo. “Dragão” foi simplesmente a palavra medieval para um grande réptil, e quanto mais se considera isso como não sendo uma piada dos contos de fadas, mais interessante as páginas seguintes podem ser. A primeira definição de “dragão” [...] é: “Uma serpente ou cobra enorme; uma píton. *Obs.* Na zoologia moderna o dragão é um lagarto voador formando o gênero *Draco*, pertencendo à família *Agamidae*, e existem vinte espécies. [Nota de T. H. White]

⁸ Esta fantasia é derivada de Plínio. Mas como o golpe é infligido para baixo, é menos provável que a palma da mão e a sola do pé sejam feridos do que os lados opostos. [Nota de T. H. White]

Citação bibliográfica deste artigo:

REZENDE, Denise Ferreira Diniz. Um bestiário medieval do século XII: sobre bestas, pássaros, répteis e peixes. *Boletim de História e Filosofia da Biologia* 8 (3): 3-8, set. 2014. Versão online disponível em <<http://www.abfhib.org/Boletim/Boletim-HFB-08-n3-Set-2014.pdf>>. Acesso em dd/mm/aaaa. [colocar a data de acesso à versão online]

OBJETIVOS DO BOLETIM

O objetivo do “Boletim de História e Filosofia da Biologia” é divulgar informações de interesse dos pesquisadores e estudantes interessados em história e filosofia da Biologia. Com periodicidade trimestral, este Boletim traz informações atualizadas sobre congressos e outros eventos relevantes (no Brasil e no exterior), novas publicações da área (livros e revistas), informações sobre teses e dissertações, informes sobre as atividades da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB), bem como artigos curtos, descritos abaixo.

Poderão ser publicados no “Boletim de História e Filosofia da Biologia” artigos assinados (curtos) que discutam temas gerais de interesse da área como, por exemplo, a metodologia da pesquisa em história e filosofia da biologia, ou o uso da história e filosofia da biologia no ensino; bibliografias comentadas sobre tópicos específicos de história e filosofia da biologia; e textos de divulgação. Podem também ser publicadas resenhas, assinadas, de livros recentes sobre história e/ou filosofia da biologia. Os artigos devem ser submetidos aos Editores deste Boletim (ver endereços no Expediente, ao final deste número). Todos os artigos submetidos devem ser elaborados tendo em vista os padrões acadêmicos usuais.

Boletim de História e Filosofia da Biologia ISSN 1982-1026

Expediente. O “Boletim de História e Filosofia da Biologia” é uma publicação trimestral da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB), iniciado em setembro de 2007, por Roberto de Andrade Martins. A partir de março de 2011 passou a ser editado por: Maria Elice Brzezinski Prestes, eprestes@ib.usp.br (Universidade de São Paulo); Lilian Al-Chueyr Pereira Martins, lilian.pereira.martins@gmail.com (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto); Aldo Mellender de Araújo, aldo1806@gmail.com (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Waldir Stefano, stefano@mackenzie.br (Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Cruzeiro do Sul).

Endereço eletrônico: boletim@abfhib.org. URL: <http://www.abfhib.org/Boletim/>.

Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB)

Presidente: Maria Elice Brzezinski Prestes (Universidade de São Paulo)

Vice-Presidente: Charbel Niño El-Hani (Universidade Federal da Bahia)

Secretário: Frederico Felipe de Almeida Faria (Grupo Fritz Müller-Desterro de Estudos em Filosofia e História da Biologia, Universidade Federal de Santa Catarina)

Tesoureiro: Fernanda da Rocha Brando (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto)

Conselho:

Anna Carolina Regner (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

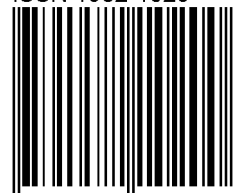
Antonio Carlos Sequeira Fernandes (Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional)

Lilian Al-Chueyr Pereira Martins (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto)

Waldir Stefano (Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Cruzeiro do Sul)

<http://www.abfhib.org>

ISSN 1982-1026



9 771982 102006